

IMPRENSA YTUANA

DO INSTITUTO DO NOVO MUNDO

ASSIGNATURA

Anno, 8\$000—6 mezas 5\$000. Tanto para cidade como para fóra.

PROVINCIA DE S. PAULO

COLLABORADORES---DIVERSOS

EDITOR—FELICIANO LEITE PACHECO JUNIOR

CONDIÇÕES

Publicações e annuncios pelo preço que se convencionar.

BRAZIL

Publica-se aos domingos, recebe-se annuncios até as sextas-feiras ao meio dia.

Anno II

Ytù, 13 de Maio de 1877.

N. 64

IMPRENSA YTUANA

YTU, 13 DE MAIO DE 1877.

A Historia.

E' sempre fecundo em resultados o estudo da historia sob qualquer ponto de vista que a consideramos: quer seja moral, politico, religioso, artistico, ou puramente philosophico, responde sempre ao espirito o mais investigador, dando as causas, motivos, e o principio de toda grandesa, e tambem de toda decadencia dos povos.

Na exposição simples dos factos operados pelo desenvolvimento humano através do tempo e do espaço, a razão nos mostra pelo estudo e observação, o principio generalizador que tem dominado mais n'esta ou n'aquella época da humanidade. Se contemplamos o Oriente, por exemplo, vemos o principio autoritario, acubrunhador, absorvendo toda fonte de vitalidade, entre esses povos, em toda e qualquer manifestação do espirito ali, faz sentir a sua pernicioso influencia: quer sobre a religião, arte, politica, é o mesmo principio autoritario sob o regimen theocratico. No Oriente não havia autonomia, era a collectividade sob o jugo do despotismo.

Se contemplamos a Grecia, outro é o principio que generalisamos: é a liberdade, o individualismo que preside e dá nascimento a todas as cousas; é na arte, na politica, e em toda sua philosophia.

Esses dous elementos entrão, e vivem em luta na historia.

O anjo da liberdade vacilla muitas

e muitas vezes por entre o tinir dos combates, nas lutas renhidas que se travavão entre aquellos povos; mas não, o genio da grecia não morria, pairava por cima dos povos que a combatião, como o grito de victoria, o futuro—que tambem lá estava empenhado em nome da humanidade. A Grecia domina pelo seo espirito ao Oriente pela espada de Alexandre.

A Grecia estava sempre com a victoria—porque estava sempre com a verdade. Enquanto que Roma por meio de Cezar avassalla e domina pelo Occidente.

Começa a despontar o principio de unidade no mundo antigo. Um procura formal-a no oriente, e o outro no occidente. Um funda Alexandria, como o nucleo das idéas—gregas-orientaes; e o outro tem Roma para unidade de todo o occidente, e mais tarde do mundo inteiro. O espirito de conquista, a ambição e o poder, levão os romanos além, por toda a parte, onde hajão povos a subjugar-se. Roma cresce, estende-se, e vai absorver a Grecia, como a todo oriente. Então, só uma vontade domina todas vontades entre os romanos; e estende-se como repercussão da mesma voz até os ultimos limites d'aquelle mundo. Roma é então o centro das aspirações de todos os povos. Roma é o coração do mundo. Ella guarda em seo seio o elemento grêgo e o elemento oriental para lutar, crescer e morrer. No primeiro ella tem a liberdade, a democracia; e no segundo a autoridade, a aristocracia.

O segundo elemento vence com o Imperio, e cresce, tomando proporções gigantescas, e assenta seo grandioso throno no meio do povo ou plebe romana. Era necessario. Sem o Im-

perio não haveria unidade no genero humano; e para unidade, era mistér o principio com toda sua força.

Roma consegue a unidade de todos os povos, para fundirem si o genio da civilisação antiga. N'essa época torna se ella o centro de todo poder, e de toda miseria humana. O paganismo solapava, minava, deluia todo aquelle edificio romano.

O paganismo já mão em sua origem, degenerou-se entre os romanos pela exageração do materialismo.

O paganismo que foi o incentivo e a gloria dos grêgos, nas artes, foi para o romano o germen mais pernicioso de todos os vicios. E' que os romanos não tinham o genio artistico que distinguia os gregos; e não sabião por isso guardar o culto, a veneração pelo bello.

Em Roma era o ouro, o poder emfim que endeusavão. Só a plebe guardava em seo seio o amor pela liberdade. Mas erão pobres e perseguidos, sem lar, sem propriedade, morrião sob o jugo de um despotismo oriental ou aristocratico.

Quanto mais se enriquecia o poder, a classe privilegiada, tanto mais miseravel se tornava a classe da plebe. D'aquí começa a decadencia de Roma; todo sentimento moral desaparece para dar lugar ao sensualismo: o luxo, a riqueza, a dissolução emfim. A verdadeira vida, o futuro, a causa primordial da civilisação, tinha-se refugiado no subterraneo com os ministros de Christo. Faltava um signal para que a luz se derramasse entre aquelles povos.

Era tempo. O signal foi dado por Deos. Do fundo das florestas, do norte, do sul, de todas as partes surgirão os selvagens, os barbaros, e com elles

mas horas, por exemplo, estava eu só, sentada ao piano, tocando um pedaço de Weber e procurando adormecer o meu aborrecimento com a musica; tua alma esvoaçou alguns minutos em torno de mim no turbilhão sonoro das notas; depois, ao ultimo acorde vou não sei para onde e não voltou mais. Não mintas, estou certa do que digo.

Prascovia, com effeito, não se enganava; nesse momento justamente, em casa do doutor Balthazar Chesboneau, o conde Olaf Labinski inclinava-se sobre o copo d'agua magica, evocando uma imagem adorada com toda força da idéa fixa. Desde então o conde, immerso no oceano sem fundo do somno magnetico, não tinha mais tido nem idéa, nem sentimento, nem vontade.

As mulheres que tinham acabado o toilette nocturno da condessa retiraram-se; Octavio Labinski continuava sempre de pé, seguindo Prascovia com um olhar de chamma.

Incommodada e abrazada por este olhar, a condessa envolveu-se no seu albornoz como Polymnia nas suas vestes roçagantes. Sómente a cabeça lhe surgia por cima das dobras brancas e azues, inquieta, mas encantadora.

Postoque nenhuma penetração humana pudesse adinhar a mysteriosa troca de almas, operada pelo doutor Balthazar Cherboneau, por meio da formula do sanyasi Brahma Logum, Prascovia não reconhecía nos olhos de Octavio Labinski a expressão ordinaria dos Olhos de Olaf, a de um amor puro, calmo, paciente, eterno como o amor dos anjos; uma paixão terrestre incendia esse olhar, que a perturbava e fazia corar. A condessa não saberia dizer o que se tinha passado, mas era fóra de duvida que se tinha passado alguma cousa. Mil supposições extravagantes passaram-lhe pela mente: já não era ella para Olaf mais do que uma mulher vulgar, cubiçada apenas por ser bella como uma meretriz? o accordo sublime de suas almas tinha-se rompido por alguma dissonancia que ella ignorava? amaria Olaf outra mulher? a corrupção de Paris teria manchado esse casto coração?

Fez a si propria rapidamente estas perguntas, sem poder a ellas responder de modo sa-

tisfatorio e viu que fóra loucura pensar em tal; todavia, bem no intimo d'alma, sentia que tinha razão.

Um terror secreto a invadia, como si estivesse ante um perigo desconhecido, mas advinhado por esses outros olhos d'alma, aos quaes sempre se não tem razão de não obedecer.

Levantou-se agitada e nervosa, e encaminhou-se para a porta da sua camara de dormir. O falso conde a acompanhou, passando-lhe o braço pela cintura, como Othello acompanha Desdemona a cada sahida na peça de Shakespeare; quando ella, porém, chegou ao limiar da porta, voltou-se, deteve-se um instante, branca e fria como uma estatua, lançou um olhar de terror para o moço, entrou, fechou precipitadamente a porta e correu o ferrolho.

— O olhar de Octavio! exclamou ella, cahindo meio desfallecida em uma conversadeira. Quando voltou a si disse consigo:—Mas porque modo este olhar, cuja expressão já mais esqueci, brilha esta noite nos olhos de Olaf? Octavio morreria? Seria sua alma que um momento me appareceu para dizer-me a deus antes de deixar a terra? Olaf! Olaf! si me enganei, si loucamente cedi a vãos terrores, tu me perdoarás; si eu te acolhesse esta noite, ficaria certa de me haver dado a outro que não a ti.

A condessa examinou si o ferrolho estava bem corrido, accendeu a lampada pendente do tecto, metten-se na cama como uma creança medrosa com um sentimento de indefinivel agonia e não pode conciliar o somno não ao amanhoer: sonhos incoherentes e singulares atormentaram o seu somno agitado.

Olhos em brasa, os olhos de Octavio, fixavam-se nella do fundo de um confuso nevoeiro e dardejavam-lhe raios de fogo, emquanto que aos pés do leito uma fórmula negra e sulcada de rugas conservava-se acocorada, a grunhir syllabas de uma lingua desconhecida; o conde Olaf appareceu-lhe tambem neste sonho absurdo, mas revestindo uma fórmula que não era a sua.

Não tentaremos pintar o como ficou de enfiado Octavio, quando viu-se deante da porta

a quêda da cidade do mundo. Roma soffrêo um tremendo golpe; e ella ia morrer com os barbaros, se não surgisse nesse momento o christianismo com todo seo fulgor. A luz nova de tão bella religião, tinha necessidade de um corpo tambem novo, para poder expandir-se com toda força: e os barbaros forão chamados ao baptismo regenerador do futuro, e se desinvolverão através da historia.

Tres são portanto os elementos, que segundo os historiadores, formão a causa, ou principio de nossa civilisação. O primeiro é Roma, que entra com a forma, a organização. O segundo os barbaros que entrão com a personalidade—a materia.

Terceiro, o christianismo que entra com a alma.

O Christianismo entrou com tudo: a alma, que é a vida do pensamento, e do coração. D'aquí pode-se vêr as modificações introduzidas por esta religião tão espiritual—em todas as espheras de actividade humana: a arte como que devinhou-se; a religião teve seo altar no coração, e na consciencia humana; as letras, as sciencias, tudo participou d'este espirito novo.

E como não ser assim, quando o christianismo foi a alma, o senso moral, o homem interior, a consciencia em uma palavra?!

O que poderia ser a humanidade, sem sentimento, e consciencia?

Tendo o Christianismo renovado o homem interiormente, a elle devemos portanto todas as reformas posteriormente introduzidas na sociedade.

Segundo affirma um historiador de nota: o christianismo tendo renovado o individuo, reformou a sociedade.

Segundo affirma ainda o mesmo historiador, a essas crenças novas deve-

fechada e ouviu ranger dentro o ferrolho. Cahia por terra a sua esperança derradeira. Pois que! recorrera a meios terriveis, extraordinarios; entregára-se a um mago, talvez a um demonio; arriscando a vida neste mundo e a alma no outro para conquistar uma mulher que lhe escapava, postoque lhe fosse entregue sem defeza pelas feiticeiras da India.

Repellido como amante, era-o ainda como marido; a invensível pureza de Prascovia zombava das machinações as mais infernaes. No lumiar da sua camara de dormir mostrasse-lhe como um anjo branco de Sevededborg fulminando o espirito do mal.

Não podia quedar a noite inteira nesta posição ridicula; procurou o aposento do conde, e, ao cabo de uma fila de quadras, viu uma onde se erguia um leito com colonnas de ebano, cortinas de tapeçaria, em que, entre as ramagens e arabescos, estavam bordados alguns brazões. Panoplias de armas orientaes, couraças e capacetes de cavalleiros, allumiados pelos raios de uma lampada, reflectiam vagos lampejos na sombra; as paredes, cobertas de couro da Bohemia estampados com douraduras, luziam como espelhos. Tres ou quatro enormes poltronas esculpidas, uma arco com inumeros labores e figuras, completavam uma mobilia de gosto feudal e que não iria mal em uma vasta quadra de alcaçar gothico; não era entretanto, da parte do conde frivola imitação da moda, mas sagrada memoria.

Essa cama era reprodução exacta da que elle occupava em casa de sua mãe, e, postoque varias vezes houvessem motejado dessa decoração de quinto acto, recusára constantemente trocar-lhe o estylo.

Octavio Labinski, atquebrado pelas fadigas e pelas emoções, atirou-se no leito e pegou no somno, amaldiçoando o doutor Balthazar Cherboneau. Por felicidade, o dia trouxe-lhe idéas mais risonhas; prometteu a si proprio portar-se dahi em deante com mais moderação, apagar o fogo do olhar e tomar ares de marido; ajudado pelo creado grave do conde, vestiu-se com esmero e dirigiu-se com passo tranquillo á sala de jantar, onde a senhora condessa o esperava para o almoço.

(Continúa)

FOLHETIM

AVATAR

Por

Theophilo Gautier.

Traduzido

por

SALVADOR DE MENDONÇA.

(Continuação do N. 63)

IX

Octavio Labinski tomou essa mão mais macia e fresca que uma flôr, levou-a aos labios e nella imprimiu um longo e ardente beijo: sua alma inteira concertava-se neste pequeno logar.

Não sabemos que delicadeza de sensitiva, que divino instincto de pudor, que intuição inata do coração, advertiu a condessa: o que é certo e que uma nuvem rósea cobriu-lhe de subito o rosto, o collo e os braços, que tomaram essa cor de que se reveste no cimo das montanhas a neve virginal surpreendida pelo primeiro beijo do sol.

Estremeceu toda e retirou de vagar a mão, meio enfadada, meio-envergonhada; os labios de Octavio tinham-lhe produzido como que uma impressão de ferro em brasa. No entanto em pouco voltára á calma, sorrindo da sua creancece.

— Não me respondes, meu Olaf; ha seis ngas horas que te não vejo; esqueces-me, disse ella em tom queixoso, em outro tempo não serias capaz de deixar-me assim sózinha uma noite inteira. Pensaste ao menos em mim?

— Sempre, respondeu Octavio Labinski.
— Ah! não, nem sempre; eu sei quando deusas em mim, mesmo distante. Ha algu-

mos a liberdade a fraternidade, e igualdade. Devemos a ellas a base de todos os nossos direitos, quér sociaes, quér politicos, quér de humanidade.

Assim o christianismo reintegrou a humanidade a sua primitiva dignidade, aos seus direitos de liberdade, a natureza emfim.

Segundo outros, os barbaros, os selvagens, forão que trouxerão a personalidade, a independencia, o individualismo emfim para a historia. E o christianismo, só trouxe a consciencia, o senso moral, e nada mais.

Assim, concluindo o que levamos dito, dizemos que a antiguidade foi uma preparação para o christianismo; e este o ponto de transição para idade media e moderna.

Foi epilogo para a idade antiga, e prologo para as idades modernas.

(Continua.)

I. B.

COLLABORAÇÃO

A Electricidade.

(Continuação do N.63)

Em França, Lemonier, membro da academia das sciencias em Paris, fez, n'este intuito, grande numero de experiencias. Em uma d'ellas, uma pessoa collocada na extremidade de um conductor de 250 toesas sentia a commoção no momento preciso em que via luzir a fiação na outra extremidade d'aquelle longo conductor.

Em Inglaterra, a commoção foi sentida no mesmo instante por dous observadores separados pelo rio Tamisa, e a agua do rio formava parte da cadeia conductor. Podem-se até inflamar licores espirituosos por uma corrente electrica que atravessa o rio. Tambem se averiguou que a rapidez da passagem do fluido electrico em um fio que tinha 12:276 pés de cumprimento, era instantanea.

Estas bellas experiencias despertavão o enthusiasmo de todos os physicos da Europa e conduziram-nos a tentar outras indagações. Em França, Nollet modifica de muitos modos a famosa experiencia de Leyde. Mostra que a forma do aparelho não tem influencia alguma no resultado. Muschenbroek reconheceu depois que a experiencia falha quando a superficie exterior da garrafa estiver humida. Watson, em Inglaterra prova que o choque é mais violento quando o vidro é mais delgado, que a força da descarga augmenta proporcionalmente com a extenção da superficie do vidro, e que a sua intensidade é independente da força da machina electrica que a provoca.

Outro physico inglez, Bevis, pensando que a agua contida na garrafa e a mão que sustinha esta, representavão tão sómente o papel de conductores, substituiu a agua por chumbo em grão. Uma folha de extanho, cobrindo a garrafa até certa altura, substituiu a mão.

D'este modo foi possível assentar a garrafa em um suporte de madeira sem que pessoa alguma a sustivesse.

Foi por esta série de descobertas successivas, e depois de se haverem substituído folhas d'ouro em vez do chumbo em grão, que a garrafa de Leyde recebeu a forma que hoje se lhe dá.

Todos os physicos da Europa tinham debalde trabalhado para dar a explicação theorica da experiencia de Leyde. E' ao illustre Franklin, philosopho e sabio americano, que a sciencia deve a analyse dos effeitos d'este instrumento. Eis como se tem explicado o phenomeno depois das investigações de Franklin.

Quando se põe a garrafa de Leyde em comunicação com o conductor de uma machina electrica, que produz, por exemplo, fluido positivo, passa para as folhas de ouro, ou, como se costuma dizer, para a *armadura interior* da garrafa. Então o mesmo fluido reage por influencia através do vidro sobre a lamina de extanho que o cobre exteriormente, e decompõe-lhe o seu fluido neutro.

O fluido positivo, repellido, recolhe-se para o sofo. O fluido negativo, ao contrario, é attrahido; mas como o vidro da garrafa é máu conductor, suspende o e não o deixa ir formar o fluido neutro com o fluido positivo que está dentro da garrafa. E' essa a razão porque se accumula uma quantidade consideravel de electricidade entre as duas armaduras; o exterior pede ao solo com que communica, tanta electricidade quanta pôde accumular a armadura interior. Se presentemente se fizerem comunicar as duas armaduras por meio de um arco metallico nuído de um cabo isolador, as duas electricidades precipitam-se uma sobre outra e combinam-se produzindo uma brilhante fiação. Se se reunirem ambas as armaduras com as mãos, o operador recebe uma viva commoção, porque a recomposição dos fluidos faz-se mesmo no interior do corpo, provocando um abalo physico consideravel.

Em tudo que precede ainda se não tratou senão da electricidade *estatica*, isto é, em repouso; resta-nos agora fallar de um estado novo da electricidade, o estado *dynamico*, por outra, a electricidade em movimento. Até aos fins do seculo passado os physicos só conheciam a electricidade produzida pelas machinas de fricção, chamada *estatica*. Em 1791, Aloysius Galvani, professor de anatomia em Bolonha, publicou uma obra, resultante de onze annos de experiencias, na qual se revelava a existencia da electricidade sob a forma de corrente continua. A electricidade em movimento, ou electricidade *dynamica*, foi então revelada aos homens pela primeira vez. Era um ramo da physica inteiramente novo, e que tinha de ser fecundo em applicações maravilhosas. Demos idéa dos trabalhos de Galvani.

Em 1780 n'uma tarde, collocou por acaso Galvani sobre a prancheta de madeira, que servia de suporte a machina electrica do seu laboratorio, uma rã, da qual se havia separado, com uma tesoura, os membros inferiores, conservando os dous nervos da coxa, os quaes seguravão esses membros suspensos ao tronco. Galvani observou que chegando a ponta do escalpello ora a um, ora ao outro dos nervos da rã, no momento mesmo em que se tirava uma fiação da machina, manifestavão-se nos musculos do animal contracções violentas.

O que é que se passava? Qual era a causa do phenomeno que maravilhava Galvani e os seus amigos? O corpo da rã, collocado ao pé da machina electrica, electrificava-se por influencia; quando se extrahia rapidamente a electricidade do conductor tirando uma fiação, a influencia cessava, o fluido neutro recompunha-se rapidamente no corpo do animal e dava lugar as contracções energicas que se observavão.

Galvani entendeu muito bem segundo a explicação mesma que acabamos de dar, o curioso phenomeno que acabava de provocar na rã. Mas esta explicação do facto não o deteve em suas indagações. Prosseguindo o estudo da acção do fluido electrico sobre os corpos vivos, experimentou durante seis annos consecutivos para observar o modo porque a descarga da machina electrica provocava contracções musculares nos animaes. A sorte o conduziu em fim a sua observação fundamental, aquella que foi o germen da descoberta da fiação de volta.

No dia 20 de Setembro de 1786, como quizesse Galvani estudar a influencia da electricidade atmospherica sobre as contracções musculares da rã, atravessou um gancho de latão pela espinal-medulla de uma rã preparada como acima explicamos e suspendeu o animal por esse gancho, a varanda de ferro do eixado da sua casa. Durante todo o dia não observou nada; mas, a bocca da noite, enfadado por lhe fallar a experiencia, esfregou vivamente o gancho de cobre sobre o ferro da varanda, para fazer mais perfeito o contacto de ambos os metaes. De repente os membros do animal contrahirão se, e este effeito reproduzia-se cada vez que o gancho

de cobre vinha tocar no ferro da varanda. Os instrumentos de physica não manifestavão electricidade alguma no ar. A contração era por isso independente de cousas exteriores, era propria do animal. Havia por conseguinte uma electricidade animal, como Galvani havia sempre suspeitado.

Galvani repetiu esta experiencia no seu laboratorio. Collocou em um prato de ferro uma rã preparada de fresco e passou um pequeno gancho de cobre através da massa dos musculos lombares e dos feixis nervosos da espinal medulla. A cada contacto do cobre com o ferro, produziam-se contracções. Assim um arco metallico em contacto por uma de suas extremidades com os musculos da rã, e pela outra com os nervos, exitava contracções violentas. Pensou Galvani que podia estabelecer como principio que o musculo d'um animal é *uma garrafa de Leyde organica*, que o nervo representa o papel de simples conductor, que a electricidade positiva circula do interior do musculo para o nervo e d'este para o musculo, passando pelo arco excitador. Observa-dores nossos contemporaneos reconhecerão a existencia de uma corrente propria nos animaes, e a corrente electrica achada por Galvani nos musculos e nervos dos animaes foi plenamente confirmada.

(Extr. de FIGUIER)

(Continua.)

LITTERATURAS

Visita á uma fazenda.

Corria o mez de Dezembro, as ferias haviam começadas. Parti para a cidade de..., onde mora minha familia.

Decorridos alguns dias apoz minha chegada, entrava pelo lado do Bairro-Alto a familia de um fazendeiro vizinho, que vinha para assistir a festa do Natal, festa muito concorrida nessa cidade.

Como nesses logares pequenos a todos se procura conhecer, essa familia travou logo relações com a minha.

O Sr. Estevão, assim se chama o fazendeiro, é alto, delgado, olhos pretos, cabellos finos e ondeados naturalmente, rosto emulduado por uma negra e luzente barba, um tanto pallido por natureza e, mais ainda, pelos excessos e fadigas de uma boa vida.

D. Amelia, sua mulher, é uma senhora gorda, baixa, corada, olhos azues e vivos; está sempre alegre e disposta á agradar.

Alfredo, tal é o nome de seu filho, sem ser belleza, é, em tudo, um alentado rapagão; possuindo uma dessas phisionomias que captivam a primeira vista e auxiliado por um nascente bigode que, mais ou menos, lhe dá um aspecto marcial.

Georgina, sua filha, tem quinze annos, é mais alta que baixa, talhe esvelto, largas espaldas, mãos pequenas, é morena, elegante, olhos travessos e bulhosos, fronte espaçosa e serena, cabellos negros como o azeviche e que descem até a cintura, sobrance-lhas finissimas da mesma cor, uma boca pequena, labios rubros, dentes alvissimos, é finalmente, uma fada que arrebatava, extasia e faz morrer de amor áquelle que tem a felicidade de a ver.

O Sr. Estevão havia comprado, cerca de duas leguas da cidade, uma grande fazenda, para onde tinha mudado-se com sua familia.

Era seu costume ir para a cidade em tempos de festas, e retirava-se para sua fazenda logo depois de terminadas estas. Eis, pois, porque vemos presentemente na cidade.

Passou-se o dia de Natal; as festas tinham decorridas regularmente. O Sr. Estevão foi com sua familia á minha casa para despedir-se, porque devia partir no dia seguinte para suas terras.

Depois de ter-se seguido as formalidades usadas para com as visitas, e conversado sobre assumptos diversos,

D. Amelia convidou-me para acompanhá-las á fazenda, e lá passar alguns dias em sua companhia, divertindo-me em caçar com Alfredo. Aceitei o convite, e, no outro dia pela manhã, depois de ter-me despedido de meus paes, parti com elles.

Constava a nossa pequena cavalgadura de sete pessoas: o fazendeiro, D. Amelia, Georgina, Alfredo, eu e um casal de escravos. O Sr. Estevão cavalgava na frente com sua senhora e sua filha. Logo atraz, Alfredo e eu, caminhavamos conversando sobre as grandes caçadas e passeios que deviamos fazer em Valverde; é esse o nome da fazenda do Sr. Estevão. Em terceiro lugar, o casal de escravos, punha fim á nossa comitiva. Assim saímos da cidade, e, atravessando o Bairro-Alto, encaminhamo-nos para a fazenda.

Tinhamos caminhado duas leguas, quando eu divisei á alguma distancia uma bella casa de sobrado, situada em um terreno por igual, com a frente voltada para o Oriente e armada de desesseis janellas, sendo oito, para cada andar. Entremeio das janellas do segundo andar, ha uma porta que faz passagem ao terraço; este é cercado, pela frente, por um peitoril de madeira, e los outro dois lados pendem duas escadas, que conduzem ao terreiro.

Perguntei á meu amigo que casa era aquella; e eile respondeu-me que pertencia ao proprietario de Valverde.

Os molequinhos correram logo ao nosso lado para abrir a porteira; e assim entramos na fazenda.

Subimos ao terraço e entramos na casa. Meu amigo foi logo mostrar-me todas as salas e quartos.

A casa é espaçosa, bem mobilhada e tem muito boas accomodações.

Subimos, tambem, ao sotão e apreciamos a bella vista, que de lá descortina: O rio Tieté, que serve de divisa á fazenda, ahi se apresenta em sua maior largura, e, mais embaixo, intromettendo-se por estreito canal, apertado entre duas muralhas de granito, despenha-se da altura de trinta pés, com todo o peso de suas aguas, e forma assim um bellissima salto.

Saimos de casa, e gastámos o resto desse dia em percorrer a fazenda.

Esta, é muito bem montada, as plantações são todas muito bem dirigidas, o cafetal é immenso e bem formado, não tem falhas, emfim, tudo alli denota a boa qualidade das terras, e a activa administração do Sr. Estevão.

Atraz da casa existe um grande pomar, onde se vê todas as qualidades de arvores fructiferas, dispostas em ruas, que de todos os lados se cruzam. No fim de cada rua está um caramanchão, todo coberto de trepadeiras e parazitas. Dentro destes caramanchões existem bancos de pedra lagea. No meio do pomar ha um pavilhão, tendo dentro uma mesa, tambem, de pedra lagea. Junto ao pavilhão está um jardim, todo cercado de roseiras, contendo dentro, todas as qualidades de flôres, que, mui habilmente, Georgina soube dispôr em tableiros de relva.

Além do espaçoso logar occupado pelos cultivados, pelo terreiro, pela mangueira, pelos pasto e pelas casas: de morada, de machina, etc; o Sr. Estevão, ainda possui mais uma legua de mato-virgem, ao redor de suas plantações.

Ao anoitecer, tendo visitado todos esses logares, voltámos para casa, e, depois de termos tomado café, assentámos, todos, juntos á rede onde estava o Sr. Estevão, e conversámos sobre a lavoura. D. Amelia estava, sempre, procurando agradar-me; o fazendeiro e seus filhos estavam, da mesmas forma, obsequiando-me em tudo.

Houve um momento de pausa em a nossa conversação; o Sr. Estevão, porém, rompendo o silencio disse:

—Georgina, ide ao piano tocar alguma cousa para agradar o nosso hospede.

—Sim, meu pae, respondeu esta com um sorriso amavel, mas hade ser com uma condição.

—Qual é ella? replicou o pae.
—Elle ha de recitar tambem, ajuntou Georgina.

—Com muito prazer, interrompi levantando-me e acompanhando Georgina, que dirigia-se ao piano. Esta assentou-se, abriu o piano, e, com suas mãos pequenas, e seus dedos velozes, percorreu todo o teclado, fazendo ouvir um suave preludio, que devia ser seguido do recitativo.

Eu tomei um ar de heróe conquistador. Mas não se tratava de conquistar cidades.

Era de cousa bem diversa. Meu intento era conquistar—esse sentimento vivo, profundo e duravel, pelo qual o coração inclina-se para o que parece amavel, e faz delle objecto de suas affeições e de seus desejos: o amor.

Se sairia victorioso na conquista, eu, ainda ignorava.

O que ahi se passou nem valle a pena dizer. Terminado o recitativo, eu fui assentar-me junto aos outros membros da familia, que, do mesmo logar em que os tinha deixado, me applaudiam; e Georgina continuou á tocar.

Ella estava mais bella que nunca; foi então que eu pude melhor contemplar-la; e, bem assim, admirar-lhe as formas delicadas. Um sentimento, que eu nunca tinha experimentado, começava apoderar-se do meu coração.

Depois do chá, cada qual retirou-se para seu quarto. Eu deitei-me e pouco dormi; só pensava em Georgina.

No dia seguinte, Alfredo e eu fomos caçar perdizes. O cão levantou seis; cada um de nós atiremos tres; Alfredo matou as tres, eu, porém, só matei uma, e, portanto, errei duas.

A lembrança de Georgina, as maneiras amáveis com que ella me havia tratado na vespera, e os olhares significativos que ella me lançava, faziam o objecto dos meus constantes, tornavam, de tal modo, confusa minha imaginação, que eu não podia prestar attenção á outra cousa. Estava pensativo, triste e tremulo; eis, pois, porque tinha errado as perdizes. Por mais que procurasse matar, minha mão tremia, e eu errava.

Assim continuavamos com a mesma lida. Passavamos todo o dia occupados em caçadas, ou em pescarias, ou, ainda, em passeios á cavallo. A noite reuniamos na varanda, e passavamos ou conversando, ou jogando, ou, algumas vezes, Georgina ia ao piano, tocava e cantava para ouvirmos; de maneira que estavamos sempre divertidos.

(Continúa).

Divagações.

A' FRANCISCO NARDY

Dezejava escrever algumas palavras que servissem de pedestal condigno a este nome. Mas como não posso direi unicamente:

Singra, singra meu espirito no mar dos devaneios. Leva-me o pensamento ao porto de salvamento que é a simplicidade, onde longe bem longe dos faustos e pompas da Cidade, e que bem distante da inveja, vaidade e rivalidade que ha na humanidade, imagine fruir a doce felicidade.

Embora me sirva de pharol a fugaz utopia, illuzão, chimera, que seja qual raios de sol da primavera, illuminando este mundo que é uma Cratera de odios mesquinhos e vis paixões. Assim mostra-me essas ignotas regiões, que me parece avistar nas minhas divagações: Para que nos mais puros e ideaes extremos, onde a ficção sorri, possa dizer-te a ti, conversamos...

Sim, Sim, conversemos com toda a fraqueza e sinceridade. Sou apreciador de tudo que é puro e singello, e não occultarei que amo a vida simples e descuidoza.

E'por isso que eu admiro o viver do lavrador obscuro, que sai ao romper do dia, de sua humilde choupana e vai procurar no trabalho nobre, o sustento para os entes que lhe são caros. E' como é bello quando elle está revolvendo a terra, e corre-lhe

pela frente as gottas de suor abençoado e doce, como é doce os pingos de orvalho que caé sobre a requemada flor. Eu acho mais sublime o lavrador manejar a enchada, do que o soldado valente, que no combate sabe manobrar a espada. O militar no ardor da peleja sanguinaria, invoca o anjo do extremínio, na vertigem da lucta derrama sangue, provoca prantos e dá a morte, e em paga tem como recompensa, vaás glorias, com que satisfaz a futil vaidade.

O lavrador, invoca o anjo protector, e no trabalhar tranquillo derrama suor para dar a vida, e tem como recompensa o ver alegria e sorrisos no lar domestico. Depois quando a Lua e as estrellas, principião a surgir no regaço das nuvens, elle vai descansar das fadigas do dia, na sua modesta choupana, onde o esperão as caricias de uma terna espoza e os afagos e meiguices de uma familia estremeza. Talvez achese esquisita esta linguagem Nardy?

Porém imagina que estamos a sós n'uma palestra intima, e eu estou demonstrando qual o motivo porque tenho a versão a vida tumultuoza.

Na minha infancia no tempo em que considerava como sacrificio o decorar os versos de Virgilio ou estudar um capitulo de Tito Livio, em que tinha a vida tranquilla e descuidoza da meninice, eu era feliz: Mas essa quadra foi fugaçã, e mais tarde quando procurava nos estudos o pão espiritual, muitas vezes a minha imaginação vagava a esmo e eu enlevava por tudo que fosse ideal e romantico.

De dia, pensava e de noite sonhava. Nos meus pensamentos, surgião graciosas imagens que realçarão nos quadros que a minha phantazia desenhava. Em um desses quadros, parece-me vêr n'um salão resplandecente de luzes, muitas d'essas creaturas, a quem Deus, fadou para serem soberanas do coração humano, erriquetadas como borboletas rodarem aos sons da doudejante Walsa.

Outras morbidas e offegantes de canção, procuravão, nos assentos um linitivo para a languidez.

O que achei deslumbrante foi a elegância dos toilets, mas encho-me de tristeza a lembrança de que o valor gasto naquelles ricos vestuarios; servia para euzugar muitas lagrimas, alliviar muitas dores, e reparar muitas privações.

De todos os quadros que minha phantasia dezenhava foi este o que mais me impressionou.

Finalizo descontente por vêr que neste toco escripto, não pude reunir um ramalhete de bonitas ideas, arrotizado de elegantes phrazes para te ofertar.

Porém farei como aquelle selvagem que naufragou e depois as vagas arremeçarão-no a plagas estranhas, e ahi vendo-se rodeado por pessoas desconhecidas que não entendião a sua linguagem, elle levantou os olhos ao Ceo, como querendo dizer:

Meu Deus! elles não entendem o que eu fallo; vós que sabeis o que eu quero dizer, fazei com que elles me comprehendão.

Assim eu farei, e verás que este pobre escripto não é mais do que um pequeno tributo, que dá ao teo simpatico talento, o

P.M.

GAZETILHA

Louvor merecido.—Publicamos abaixo um officio do ex.^{mo} Presidente da Provincia dirigido ao digno Juiz de Orphãos do Municipio dr. Assis Pacheco, em o qual elle o louva pelo bom e fiel cumprimento da lei de 28 de Setembro de 1871.

Eil-o:
« Accusando o recebimento do officio de Vmc., datado de 25 do mez passado, e acompanhado da relação em duplicata dos escravos alforriados pelo fundo de emancipação, em audiência desse Juizo, de 23 do mesmo mez,

tenho a satisfação de louval-o pelo completo e perfeito desempenho do serviço a seu cargo, relativo as mesmas libertações.

Nesta data remetto a Thesouraria de Fazenda uma das relações, que me enviou afim de que n'aquella Repartição se indemnise aos ex-senhores dos libertados os valores das alforrias.

Deus Guarde a Vmc. —Sebastião José Pereira.—Em 2 de Maio de 1877.

Conflicto.—No dia 8 do corrente ao meio dia mais ou menos em a rua de S Cruz, travou-se uma rixa entre Joaquim de Almeida Campos e José Pulcherio, ficando este offendido por uma canivetada que lhe fora dada por aquelle; reagindo por sua vez Pulcherio conseguiu subjugar a Campos até que viesse socorro.

Consta nos que foram ciumes a causa d'essa desavensa.

O autor acha-se preso, e o Delegado de Policia procedeo ao respectivo corpo de delicto.

Festa do Divino.—Communicam-nos que no sabbado proximo as 8 horas da manhã teri lugar no quintal do Carmo, a distribuição da carne, e as 3 da tarde será servido o jantar aos pobres em casa da residencia do festeiro.

Hospede.—Esteve entre nós, o ex.^{mo} sr. Barão Gustavo Schreiner, ministro e encarregado extraordinario de negocios da Austria junto ao governo brasileiro.

Ponte do Salto.—Consta-nos que esta ponte está quasi intranzitavel. Pedimos a Illustrissima Camara Municipal, dê as providencias necessarias para assim evitar alguma catastrophe.

Festa de operarios.—O sr. Arthur D. Sterry, digno gerente da Fabrica de tecidos do Salto, no dia 6 do corrente, offereceo aos seus operarios uma esplendida festa, constando de uma lauta cêa e um baile que durou até as 4 horas da manhã.

Grande foi a animação que ali reinou: durante a cêa forão levantados entusiasticos brindes, e nos entervalos das quadrilhas e walsas, os operarios inglezes cantavão lindissimas canções.

E' com verdadeiro prazer que damos esta noticia, pois que reconhecemos no sr. Sterry um cavalheiro perfeito, que alem de outras boas qualidades que o ornão, sabe elevar o trabalho.

Sirva pois esta festa de incentivo aos que, desfavorecidos da fortuna, maldizem sua sorte, porque começam já á ver que se vae nobelitando o trabalho.

Cães vadios.—Pedimos ao sr. fiscal, para que repare na grande quantidade de cães, que vagão pelas ruas desta cidade, pois alem de serem perigosos, incommodão muito os transeuntes.

E' rara a occasião em que não tenhamos de ouvir uma muzica composta de alaridos da raça canina, para ouvir tal orchestra é mas prefferivel o silencio. Porisso esperamos que o sr. fiscal se dignará dar providencias.

Jornaes.—Fomos obsequiados com mais cinco jornaes: a Republica, Opinião Republicana e Reação publicados em S. Paulo, o Hepacaré e Ensaio publicados um em Piracicaba, e outro em Lorena.

São todos bem escriptos; desejamos longa existencia aos novos collegas, e retribuiremos ás suas illustradas Redacções com a nossa modesta folha.

Incendio.—Do Commercio do Porto, extraimos o seguinte:

As folhas norueguesas dão os seguintes pormenores á cerca de uma terrivel catastrophe que teve lugar ha dias na aldeia norueguesa de Elligso, proximo de Aelesund. Um mestre-escbola havia convocado os rapazes da localidade para um exame, dispozera para esse fim o segundo andar de uma casa por acabar, e como a escada não estava ainda construida, foi collocada uma de mão junto de uma

janella para dar accesso para o interior.

Achavam-se reunidas umas vinte creanças e o exame estava quasi terminado, quando o mestre-escbola viu que nuvens espessas de fumo penetravam na sala, seguidas, pouco depois, de grandes chammas que não tardaram a envolver o predio n'um circulo de fogo.

O mestre precipita-se para a janella e vê com terror que a escada desaparecera e toda retirada estava cortada.

Agarrando com energia um grupo de rapazes que queria arrancar ao perigo, lança-os pela janella, mas cego, suffocado e ferido torna-se-lhe impossivel fazer outro tanto ás demais creanças e precipita se elle proprio pela janella, quebrando uma perna na queda.

Todos os homens da aldeia tinhaõ ido para a pesca, as mulheres estavam nos campos, e tornando se por este motivo impossivel qualquer socorro, os desgraçados meninos ficarão abandonados á sua horrivel sorte.

Só quatro d'elles poderam escapar, mais ou menos queimados e moribundos, e afinal tendo abatido o soalho, os dezesseis estudantes morreram no meio do immenso brasido. A causa do fogo é desconhecida e a authoridade procedia a averiguações.

Movimento de S. Casa de Misericordia.—Durante o mez de Abril de 1877.

Existião do mez proximo p. 15 doentes.
Entrarão neste mez. 14 »
Sahirão com alta 7 »
Não falleceu nenhum
Existem em tratamento. 22 »

Jornal das Familias.—

Recebemos o numero deste cada vez mais interessante jornal, contendo:

Romances. — Um almoço (fim, por Machado de Assis. — Uma noite horrivel, por Ernesto Castro. — Um rapaz caipora, por Ernesto Castro.

Variedade. — Lembranças historicas, pelo Dr. Moreira de Azevedo.

Poesia. — O progresso, por Nemos.

Modas. — Descripção do figurino de modas.

Trabalhos. — Explicação da estampa de bordados e trabalhos.

Explicação da estampa de moldes. — Explicação da estampa grande de trabalhos diversos (Recto e Verso). — Explicação da estampa de tapeçaria colorida.

ACOMPANHAM ESTE NUMERO
1.º Um figurino de modas colorido.
2.º Uma estampa de bordados e trabalhos.
3.º Uma estampa de moldes.
4.º Uma estampa grande de trabalhos diversos (recto).
5.º » » » » » (verso)
6.º » » » de tapeçaria colorida.

Baptisados.—Do dia 4 á 11 de Maio baptisarão-se os seguintes:

Dia 5. Candida, de 8 dias, filha de Theodoro e Jozepha, escravos de d. Maria Barbara Umbelina Carvalho.

Dia 9. Joaquim, de 50 dias, filho de Gil e Deolinda, escravos de Francisco de Paula Leite de Barros.

Casamento.—Do dia 4 á 11 de Maio casarão se os seguintes:

Dia 5. Marcelino Francisco de Assis com Maria Custodia Martins.

Dia 8. Manoel Joaquim de Almeida Correa com Mafalda do Silveira Leite.

Obituario.—Do dia 4 á 11 de Maio sepultarão-se os seguintes cadáveres:

Dia 5. D. Olivia Pacheco Jordão, solteira, 20 annos, filha de Joaquim Elias Pacheco Jordão; cerebrite.

Dia 8. Aureliano, 14 meses, filho de Joaquim José de Oliveira; verme. Ignacio Francisco Alleluia, casado, 73 annos; camaras de sangue.

Idalina, 14 annos, aggregada do Cap. Antonio Correa Pacheco e Silva.

Dia 9. Rita cassia, 30 annos, falleseco na S.C. da Misericordia; febre.

Anna, 18 dias, filha de Francisca de Paula Lopes, viuva de Amaro Bernardino; tetano.

SECÇÃO LIVRE

Ao Dr. Bulhões Jardim.

Prossegue sempre divinal talento,
No nobre intento de mostrar a luz.
Diz as turbas que apóz a leitura,
Gozavão a ventura, que o saber conduz.

Conduz aquelles que do tedio oppresses,
Vivem emmersos em constante enfado.
Combate as trevas, faz da penna, espada
E na vanguarda caminha ousado.

Oh! sim, prossegue n'esses caminhos.
Se tem espinhos, tambem tem flores.
Embora os achos tenebrosos e agros
Teras afagos, que te alivias as dores,

Afagos santos ao vêr as luzes,
Que tu conduzes, á ignorante massa.
E' um pharol que seduz e encanta
A crença santa que teu talento abraça.

E qual soldado, que destro e forte,
Zomba da morte no ardor da peleja
E que apóz da lucta tem a victoria.
E consegue a gloria, que tanto almeja.

Assim a tua gloria terá um trompheu
No desejo teu, vêr então satisfeito.
Depois da fadiga fruirás a ventura,
Da boa leitura vêr tirar proveito.

P. MONIZ.

Bellas Artes

Não é só na velha Europa, que ha
apreciadores e cultivadores da arte
que deu a Miguel Angelo, e Van-Dick
a immortalidade.

Tivemos o prazer de vêr um bonito
dezenho, producto de uma joven intel-
ligente Ytuana, que a par de um ro-
busto talento reúne a dicidida voca-
ção para a pintura.

A sua composição representa uma
scena simples mas cheia de natural-
idade e poesia pastoril, que é o seguin-
te.

Um menino, vestido de pelles está
sentado sobre uma pedra: Tem na
mão esquerda uma lebre, e com a di-
reita affaga um cãosinho que está a
seus pés.

As posições são muito naturaes e
em todo o desenho se acha muita gra-
ça e primor.

No final do quadro está escripto is-
to: « Offereço a papai »

Estas simples palayras tem encanto
e magia inexplicavel porque mostra
o bom coração da joven auctora que
além de amor e carinhos filiaes, offe-
rece o primeiro fructo de sua intelli-
gencia ao auctor do seus dias.

Este facto que para aquelles que vi-
vem no regelo da indiferença, é uma
futilidade: para nós outros aprecia-
dores do bom e do bello, é motivo pa-
ra nos encher de jubilo, por vêr que
ainda á pessoas, que se dedicão a esta
arte tão desprezado entre nós

Agradecimento

Achando-me felismente curado de
uma ferida syphilitica no rosto, que so
firi por muito tempo, faltaria a um
grato dever se não desse este publico
testemunho do meo reconhecimento ao
Ill.^{mo} Sr. Dr. João Dias Ferraz da Luz.
a quem devo o restabelecimento de mi-
nha saude, depois de haver recorrido
a varios medicos sem resultado algum,
em longos meses de tratamento.
Aceite pois s. esta mesquinha demo-
stração do meo eterno reconhecimento,
desculpando-me se d'este modo offendo
sua modestia.

Indaiatuba 3 de Maio de 1877.

LADISLÃO DO AMARAL CAMPOS.

Tatuhy.

Não tendo podido despedir-me pes-
soalmente de todas as pessoas d'essa
cidade, que com tanta bondade dispen-
sarão-me sua amizade, e tributarão-me
tanta consideração e confiança, duran-
te o tempo que ahi residi; venho por
este meio cumprir esse imperioso de-
ver, ainda que algum tanto demorado
por motivo justificavel.

Queirão pois todos aceitar os pro-
testos da minha mais subida gratidão
e consintão que ponha á disposição de
cada uma os poucos e lemitados ser-
viços, que n'esta Cidade possa prestar.
Ytú 11 de Maio de 1877.

P.º FRANCISCO JOSÉ DE MIRANDA.

COMMERCIO

MOVIMENTO DO MERCADO

Feijão.	3\$000	40 lit.
Farinha de milho	3\$000	»
Farinha de mandioca	4\$000	»
Arroz limpo	8\$000	»
« com casca	3\$500	»
Milho	2\$240	»
Porvilho	8\$000	»
Batatinhas inglesas	1\$600	»
Batata doce	\$	»
Queijos de Minas	80\$000	cen.
Sal	2\$000	sac.
Toucinho	5\$000	15 k.
Assucar alvo	6\$000	«
« redondo	5\$000	«
» mascavo	\$	»
Aguardente	35\$000	carg.
Café superior	7\$000	»
» regular	6\$500	»
» escolha	4\$500	»
Fumo bom	\$	»
» ordinario	14\$000	»
Algodão em rama	2\$000	»
Algodão enfardado	8\$000	»
Carne de vacca	4\$800	15 k.
Carne de porco	\$480	k.
Ovos	\$480	duz.
Frangos	\$320	»
Leitões	3\$000	»

ANNUNCIOS



+++

A Meza da Irmandade da Santa Casa de Misericordia, desta cidade, faz celebrar, no dia 15 de Maio proximo futuro, primeiro anniversario do falecimento do muito Reverendo Frei Bartholomeu Marques, uma missa por sua alma as 8 horas da manhã.

Convida-se portanto aos ir- mãos da referida irmandade e os amigos do finado para assistirem a esse acto.

O Secretario,

Agostinho de Souza Neves.



AO QUEIMA CALÇADOS

É para acabar.
Se não acreditão? venhão
ver para crer

Sapatinhos de duraque entrada bai-
xa para meninas par 1\$500!!

Botinas inglesas Para meninos e me-
ninas par 4\$000!!

Botinas de duraque branco e de cô-
res para Senhoras par 2\$000!!

Botinas pretas de duraque e gaspea-
das de vernis para Senhoras par 4\$000.

Botinas de côres cano alto com five-
llas para Senhoras par 5\$000!!

Chinelos de feltro par 4\$000

33—Rua do Commercio—33
Nos baixos do sobrado do Senhor Dou-
tor Killiam

2-3

Joaquim Elias Galvão de Barros.

DENTISTA

23—RUA DO PATROCINIO—23

Assenta dentaduras artificiaes por
todo, os systemas ate hoje conhecido,
tanto em chapa de ouro, como a vul-
canit, desde um dente até 28 e com
especialidade dentaduras inteiras e
faz tudo que diz respeito a sua arte.

Garante a perfeição do seu traba-
lho. 5-8

FABRICA

DE

FOGOS

Precisa-se de um official para o ser-
viço de fogueteiro.

Quem se achar n'estas condicções
dirija-se a José Vicente Martins
Rua das Flores n.º 30. 1-2



Vende por modico preço os instru-
mentos seguintes: Um par de Tym-
panos de metal fino e quasi novo, uma
Rabeca, uma Violeta e um Violoncel-
lo, tudo em muito bom estado de con-
servação e em perfeito estado.

Vende-se igualmente diversas peças
de musica, como sejam Ouverturas,
Symphonias, Cavatinas, Arias para
cautar-se antes de sermões, musicas
para Novenas, Missas e Credos de di-
versos autores, Te-Deum e diversas ou-
tras musicas de escolhidos auctores e
que seria muito longo enumeral-as.

Os pretendentes podem dirigir-se a
esta typographia.

ALTA

NOVIDADE!

**Mais barato
não há!. na**

Rua do Comercio, esquina da Rua da
Quitanda, a casa do
TONICO NARCIZO!

Acaba de chegar um grande sorti-
mento de louça, ferragens e muitos
outros generos que deixa de mencio-

AO COMMERCIO

Os abaixo assignados declararão a esta praça, S. Paulo,
Santos e Rio de Janeiro, que no dia 22 do p. p. dissol-
verão amigavelmente a sociedade que tinham em uma
loja de fazendas nesta cidade sob a firma de --Guima-
rães & Oliveira--passando todo activo e passivo a cargo
do ex-socio Silvestre de Paiva Oliveira, o qual continua
com o mesmò ramo de negocio, e o ex-socio Jozé de Sou-
za Lobo Guimarães desonerado de toda a responsabili-
dade.

Ytú 2 de Maio de 1877

2 2

Silvestre de Paiva Oliveira.
Jozé de Souza Lobo Guimarães.

nar, assim como não annuncia os pre-
ços, para que em vista de sua quali-
dade possam avaliãr a barateza, e des-
de já affiança que hão de achar o que
há de bom e barato em
Apparelhos para jantar immitação de
porcelana.
Dittos para jantar immitação de pó de
pedra.
Dittos para chá e caffè, de porcelana
e pó de pedra.
Chicaras de porcelana para chá e caffè
Dittas de porcelana para chocolate
Cuspideiras de porcelana.
Jarros e bacias lustradas chinezas
Lavatorios de ferro
Moringas pintadas bonitos gostos
Dittas brancas
Lampeões modernos para meza
Dittas de pavios rolissos
Dittas de cores
Cadeiras americanas
Vassouras de palha e de cabo
Cabides americanos de bico de louça
Limpadores de cabelo e lâ para vidro
Grande sortimento de vidros para
lampeões
Bandejas de todos os tamanhos
Talheres cabo de marfim e de aço
Dittos de Electro Plat
Dittos de metal para chá
Mantegueiras de vidro
Bulles e assucareiros de ferro pulido
E um grande e variado sor'timento de
armarinho. Tudo por preços muito
razoaveis.

**Quem não me acreditar
venha cá que verá!**

IGNACIO SOARES DE
BULHÕES JARDIM
ADVOGADO
Rua da Palma N. 42
YTU'

ATENÇÃO



Desapareceu do Salto, uma besta
grande, marchadeira, côr alvaça, per-
tencente a José Galvão de França
Pacheco Junior, quem della der noti-
cias ou a entregar a seo dono será
gratificado. 1-3